

ÊXODO: HISTÓRIA OU CONTO DE FADAS?

EXODUS: HISTORY OR FAIRY TALE?

Manu Marcus Hubner*

RESUMO

Apesar de não existirem provas indiscutíveis de que toda a narrativa bíblica do Êxodo seja verídica, podemos, através da arqueologia, analisar alguns fatos relevantes que eventualmente podem nos levar a acreditar na viabilidade da história da saída do Egito e das jornadas pelo deserto. A narrativa Bíblica nos proporcionaria um retrato real das condições locais, ou seria um texto escrito séculos após os acontecimentos descritos, por autores que desconheciam, de fato, as características daquela região, cenário de tantos milagres e eventos fantásticos? Os documentos que sobreviveram até os dias de hoje poderiam atestar a veracidade do contexto histórico da Bíblia Hebraica? Aparentemente, os locais citados pela Bíblia Hebraica, ou pelo menos grande parte destes, realmente existiram, e possuíam os nomes registrados pela Bíblia Hebraica. Documentos arqueológicos de épocas posteriores ao Êxodo com frequência confirmam nomes de personagens e de locais registrados na Bíblia Hebraica. Porém, a época do Êxodo é particularmente complexa, já que ainda não foi encontrado documento extra-Bíblico algum que comprove a existência dos personagens ou eventos narrados pela Bíblia Hebraica.

ABSTRACT

Although there are no irrefutable proofs that the biblical narrative on the Exodus is truthful, we can, through archaeological research, analyze certain relevant facts, that may lead us to believe that the history about the exodus from Egypt and the journey through the desert may be true. Does the Biblical narrative provide us a real picture of the local conditions or would that be a text written centuries after the described happenings by authors unaware of the facts and the

* Doutorando do programa de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da FFLCH-USP.
marcush@usp.br

features, the characteristics of that region, stage to so many miracles and fantastical events? Do the documents that survived to these days confirm the veracity of a historical context of the Hebrew Bible? It seems that that the places quoted in the Hebrew Bible, or at least some of them, really existed, and their names are registered in the Hebrew Bible. Archaeological data from post-Exodus periods oftentimes confirm the names of characters and locations registered in the Hebrew Bible. The period of the Exodus remains particularly complex, considering that no extra-Biblical data confirming the existence of those characters or events narrated by the Hebrew Bible have been found yet.

PALAVRAS CHAVE

BÍBLIA HEBRAICA, ISRAEL, ÊXODO, ARQUEOLOGIA, EGITO

KEY WORDS

HEBREW BIBLE, ISRAEL, EXODUS, ARCHAEOLOGY, EGYPT

A Bíblia Hebraica relata que os Filhos de Israel permaneceram durante séculos no Egito (Ex 12:41) e, após este período, empreenderam uma jornada de quarenta anos através do deserto em direção à terra de Canaã (Nm 14:33). A saída do Egito foi precedida por eventos milagrosos, como as dez pragas (Ex 7:19-12:29). Após as pragas e a saída do Egito, houve mais momentos milagrosos, como a abertura do mar para a passagem dos israelitas e a destruição do exército egípcio (Ex 14:21-28), o recebimento das Tábuas da Lei no Monte Sinai (Ex 19:6-20:23), episódios do *maná*, dos codornizes (Ex 16:13-36), e da água tirada da pedra (Ex 17:56; Nm 33:28-29), as vitórias milagrosas em batalhas (amalequitas: Ex 17:8-16, Seon: Nm 21:21-35 e Og: Nm 21:31-33), dentre outros.

Diversas evidências epigráficas de épocas posteriores ao Êxodo já foram encontradas, e estas confirmam nomes, locais e eventos narrados na Bíblia Hebraica. Alguns exemplos: os registros da invasão de Judá pelo faraó Shishak¹, a estela de Salmaneser², a pedra moabita de Dibom³, o obelisco negro de Nimrod⁴, o selo de Megido⁵, a tábua de Tiglate-Pileser III⁶, as inscrições e relevo de Sargão II⁷, o prisma Hexagonal de Senaqueribe⁸, a inscrição de Ezequias⁹, a estela de Tel Dan¹⁰, os selos dos reinos de Israel e de Judá¹¹, e registros das destruições de Laquis pelos assírios e de Judá pelos babilônios¹².

Existem também alguns documentos egípcios que podem nos remeter à época do Êxodo. Ainda que nenhum destes documentos possa ser considerado como prova definitiva da existência dos personagens ou da ocorrência dos fatos narrados na Bíblia Hebraica, esses nos fornecem dados importantes, como nomes de lugares e narrativas de acontecimentos bastante similares ao relato da Bíblia. Vejamos alguns destes documentos:

- Papiro Leiden 348

Ex 1:11 registra que as cidades de Pitom e Ramsés foram construídas por escravos israelitas. O papiro Leiden 348, que consiste em um decreto de um oficial do faraó Ramsés II relacionado à construção da nova capital, Pi-Ramsés, declara: “*Distribuem rações de grãos aos soldados e aos apiru que transportam pedras para o grande pilone de Ramsés*”.¹³

Para Malamat (1998, p. 62-66), se os ‘*apiru* têm alguma conexão com os hebreus, parece que os hebreus foram forçados a construir a capital de Ramsés, conforme a passagem bíblica.

Para Propp (2000, p. 741-744), o nome *ḥa-bi-ru*, utilizado no XIV século a.E.C., poderia corresponder ao termo ‘*ibrî*, “hebreu”. Os ‘*abiru* não são um grupo étnico, e possuem pouca semelhança com os israelitas pré-monárquicos, mas pode ter sido um termo genérico utilizado para discriminar os hebreus devido à ignorância das diferenças entre os grupos étnicos.

- A Estela de Merneptah

No XIII século a.E.C., o faraó Merneptah afirma que destruiu um grupo chamado “Israel”. Mesmo não tendo conexão alguma com a narrativa do Êxodo, para Malamat (1998, p. 62-66), é interessante notar que a estela de Merneptah (1208 a.E.C.) mencione um povo chamado Israel vivendo em Canaã. Para Propp (2000, p. 741-744), a escrita hieroglífica desse nome deixa claro que este “Israel” se refere a um grupo de pessoas, possivelmente a uma tribo, e não a uma cidade, nação ou região. Na estela de Merneptah, as cidades de Ashkelon e Gezer formam um par, como também Yanoam e Israel. Como o primeiro par se localiza no sul, e Yanoam fica no norte, “Israel” também deve estar localizada no norte, ou, pelo menos, na região central. Sarna (1996, p. 7-14) acredita que, em cerca de 1220 a.E.C. (época da estela), o povo de Israel havia alcançado recentemente Canaã, ainda sem fronteiras definidas: “*Canaã é perseguida por*

*todos os males, Asquelom foi levada, Gezer capturada, Ianoam é como se não fosse, Israel está devastada, sua semente não mais existe.*¹⁴

- Papiros Anastasi

Os registros dos oficiais de fronteira egípcios são de grande importância. Eles revelam o controle rígido exercido pelas autoridades egípcias sobre sua fronteira oriental nas últimas décadas do século XIII a.C, pois tanto estrangeiros quanto egípcios necessitavam de uma permissão especial das autoridades para atravessar as fronteiras. O papiro Anastasi III registra as travessias diárias de indivíduos devidamente autorizados durante o reinado de Mernepta (final do XIII século a.E.C.). O papiro Anastasi VI registra a passagem de uma tribo proveniente de Edom para o Egito, durante uma seca. Este papiro relata que, para alguns destes viajantes, a travessia para o Egito era necessária para mantê-los vivos, a eles e a seus rebanhos. Os patriarcas Abraão e Jacob também foram ao Egito para escapar de secas (Gn 12:10, 47:4). Se não houvesse esse rígido controle de fronteiras, pessoas, ou até mesmo povos, poderiam atravessar do Nilo até o Sinai, ou mesmo até Canaã. Por isso, não é estranho o fato de Moisés e Aarão terem ido ao faraó solicitar permissão de saída: “Envia meu povo” (Ex 5:1; 7:16, 26; 8:16; 9:1, 13; 10:3). O papiro Anastasi V se refere à fuga de dois escravos ou servos da residência real em Pi-Ramsés. Os fugitivos atravessaram a fronteira fortificada em direção ao Sinai. O oficial que escreveu o papiro recebeu ordens de capturar os fugitivos e trazê-los de volta. Essa história possui paralelos com a história do Êxodo: a fuga de escravos da região de Ramsés, em busca de liberdade; uma força militar egípcia persegue os fugitivos para trazê-los de volta; os fugitivos percorrem uma rota de fuga similar à rota dos israelitas. (Malamat, 1998, p. 62-66)

- A Lista Topográfica da Transjordânia

Krahmalkov (1994, p. 57-8) encontrou, em antigos mapas egípcios, uma lista topográfica que apresenta os nomes das cidades que se localizam ao longo de uma rota na Transjordânia, e esses nomes coincidem com os nomes bíblicos, como também com os nomes atuais das localidades. Segundo Kitchen (1964, pp. 47–70), a rota utilizada pelos israelitas para a invasão, descrita em Nm 33:45b–50 era, na verdade, uma rota egípcia oficial de grande circulação. A narrativa bíblica da invasão da Transjordânia, ponto de partida para a conquista de toda Canaã, possui um *background* historicamente comprovado.

| Estrada Arabah – Planície de Moab | | |
|--|---------------------|---------------------|
| Nome Egípcio da Idade do Bronze | Nome Bíblico | Nome Moderno |
| (Yamm) ha-Melach | Melach (“Sal”) | Yam ha-Melach |
| lyyin | lyyim | Ay |
| Heres/Hareseth | Heres/Hareseth | Kerak |
| Aqrabat | | al-Aqraba |
| Dibon/Qarho | Dibon | Dhiban |
| Iktanu | | Tell Iktanu |
| Abel | Abel-shittim | Tell Hammam |
| Jordan | Jordan | Jordan River |

- A Estela de Elefantina

Na estela da ilha de Elefantina, próxima à primeira catarata do Nilo (data do segundo ano do faraó Setnakht, na segunda década do XII século a.E.C.), uma facção egípcia aparentemente se rebelou contra o faraó e entrou em conflito com outra facção, leal ao rei. Os revolucionários subornaram asiáticos que se encontravam no Egito, com prata, ouro e cobre, para auxiliá-los neste conflito contra a coroa. Há alguns paralelos com a história do Êxodo: os israelitas, na sua fuga do Egito, recebem dos egípcios prata e ouro (Ex 3:21-22, 11:2, 12:35-36; Sl 105:37); em Ex 1:10, os egípcios temem que os israelitas (que são asiáticos) possam se unir aos seus inimigos em alguma eventual revolta, exatamente o que é narrado na estela de Elefantina. (Malamat, 1998, p. 62-66)

- O Papiro de Ipuwer (Leiden 344)

Este papiro é a versão egípcia de uma grande catástrofe nacional, uma descrição de ruína e horror. As catástrofes narradas no papiro coincidem em grande número com as pragas narradas no Livro do Êxodo:

| Catástrofe ou Praga | Papiro Ipuwer¹⁵ | Livro do Êxodo |
|--|-----------------------------------|-----------------------|
| Rio transformado em sangue, causando sede | 2:5-6, 2:10, 3:10-13 | 7:20-24 |
| Granizo destruindo plantações | 5:12, 6:3, 10:3-6 | 9:23-25, 31-32, 10:15 |
| Peste animal | 5:5, 9:2-3 | 9:3, 19, 21 |
| Escuridão | 9:11 | 10:21 |
| Mortes de filhos e irmãos | 2:13, 3:14, 4:3, 5:6, 6:3, 6:12 | 12:29-30 |
| Escravos recebendo objetos valiosos dos egípcios | 3:2 | 12:35-36 |

Vejam os alguns fatos históricos relevantes que podem ter alguma relação com a narrativa do Êxodo:

Segundo Hoffmeier (1996, p. 223-224), desde a XIII Dinastia até o período dos hicsos (Segundo Período Intermediário, XIV até XVII Dinastias, aproximadamente entre 1780 e 1570 a.E.C.), diversos não-egípcios alcançaram altos cargos no governo. Durante o Novo Império, entre 1558 e 1085 a.E.C., segundo Kitchen (2006, p. 311-312), havia muitos asiáticos no Egito. Muitos eram escravos, outros foram criados na corte do faraó, e muitos possuíam nomes egípcios. Nesse período, um oficial semita de nome Aper-el ocupou o cargo de governante do Baixo Egito. O mesmo poderia ter ocorrido com o personagem bíblico José. Além disso, fontes da XVIII Dinastia mostram que

príncipes estrangeiros foram criados e educados na corte egípcia, o que nos remete a Moisés, cujo nome se torna familiar no período do Novo Império. Após o Egito ter sido liberado do domínio dos hicsos (à partir da XVIII Dinastia), aparentemente os egípcios adotaram medidas repressivas, como o trabalho forçado, contra os semitas que ainda restavam em seus domínios,.

Muitos dos nomes de indivíduos da geração do Êxodo e das gerações seguintes possuíam nomes egípcios, como Moisés, que significa “nascido”, um nome cuja raiz, segundo Hoffmeier (1996, p. 140), é um elemento muito comum em nomes egípcios, como Amenmose, Tutmósis, Ahmose, Ramsés, entre outros. O conhecimento de nomes, localidades e termos egípcios por parte do redator da Bíblia Hebraica está de acordo com a possibilidade de que os israelitas realmente teriam estado no Egito. (ibid., p. 248-9)

Entre 1353 e 1336 a.E.C., Amenófis IV, um faraó monoteísta governou o Egito, mudou seu nome para Akhenaton, que significa “o que bem serve a Aton”, seu deus-sol, segundo Gore (2001, p. 22-46). Para o faraó, os raios do sol eram a manifestação física de Aton, um deus que ele venerava com ardor. Ao lado de sua rainha, Nefertiti, ele lançou o Egito em uma revolução religiosa que demoliu muitos séculos de tradição: mudou de nome; remodelou a arte e a religião, dando as costas aos velhos deuses do Egito; construiu templos sem teto e realizou rituais sob o sol; e abandonou Tebas para construir uma nova capital, Akhetaton, “horizonte de Aton”, hoje conhecida como Amarna.

Hendel (2001, p. 610-613) acredita que as pragas do Egito sejam um reflexo, pelo menos em parte, dos registros de pragas reais. Há ampla evidência de surtos devastadores de doenças durante a vigência do império egípcio. Há também evidências de calamidades naturais como granizo, gafanhotos e escuridão em documentos extra-bíblicos.

A rede de fortes ao longo da costa do Sinai conhecida como “O Caminho da Terra dos Filisteus” em Ex 13:17, amplamente estudada por Gardiner (1920, pp. 99-116), permaneceu sob controle egípcio durante o XIII século a.E.C. Mas o relato da Bíblia registra que Deus ordenou evitar esta rota, mostrando que havia ciência de que a rede de fortes poderia facilmente ter se tornado uma armadilha para os israelitas, de acordo com Malamat (1998, p. 62-66). Kitchen (2006, p. 311-312) acredita que a decisão de escolher um caminho para Canaã que não passasse pela conhecida rota norte é uma resposta direta à presença militar egípcia, exatamente no XIII século a.E.C.

Sarna (1996, p. 11-13) afirma que, quando o domínio egípcio sobre Canaã declinou, entre os séculos XIII e XII a.E.C., diversos povos tiraram vantagem dessa situação e estabeleceram novos estados, como os arameus na Síria, os povos da Transjordânia, e as cidades portuárias fenícias. Esse período teria proporcionado, assim, um cenário ideal para a conquista de Canaã pelos israelitas. Na segunda metade do XIII século a.E.C., a cultura cananita teve um final abrupto. Um número significativo de cidades-estado cananitas, entre elas Laquish, Betel e Hazor, deixaram de existir, e todas as evidências apontam para uma destruição violenta causada por homens. A cultura cananita foi substituída por outra, completamente diferente, não mais baseada no sistema de cidades-estado, mas com características nômades, em processo de sedentarização. A grande cidade de Hazor exemplifica esse processo: conforme a narrativa de Js 11, a cidade foi subitamente destruída por um grande incêndio em algum momento do XIII século, e, por volta de 1230 a.E.C., novos moradores começaram a habitá-la. A cerâmica utilizada pelos novos habitantes difere radicalmente daquela utilizada anteriormente. Hoffmeier (1996, p. 35) afirma que, em Hazor, estátuas de deuses foram decapitadas e mutiladas nesse período, conforme atesta Dt 7:5. No mesmo século, segundo Sarna (1996, p. 13-14), pelo menos doze cidades de Canaã tiveram o mesmo destino: foram destruídas violentamente, e sobre suas ruínas foram construídos vilarejos mais primitivos e mais pobres que as cidades anteriores. Não há evidências extra-

bíblicas que identifiquem os conquistadores com os exércitos de Josué, mas o cenário reconstruído pela pesquisa arqueológica geralmente se encaixa nos relatos bíblicos das guerras de conquista.

Neste mesmo período, séculos XIII e XII a.E.C., imigrantes triplicaram a população de Canaã. Muitas localidades foram fundadas. Os novos moradores da região eram fazendeiros e pastores, com organização tribal, e criaram terras aráveis, cavaram cisternas e construíram silos para armazenagem de água e grãos. Seu artesanato não era de qualidade, e não criavam porcos. São chamados de proto-israelitas. (Propp, 2000, p. 741-744; Finkelstein, 2001, p. 119, 329-334).

No décimo segundo século a.E.C., os filisteus se instalaram na região costeira de Canaã, exatamente onde a Bíblia (Ex 13:17) os localiza, como afirma Propp (2000, p. 741-744). Para Kitchen (2006, p. 311), Israel e seus vizinhos, Edom e Moab, são mencionados tanto na Bíblia quanto em fontes egípcias pouco antes de 1200 a.E.C., ou seja, são reais.

Para Hoffmeier (2005, p. 248-9), os detalhes descritos pela Bíblia Hebraica das jornadas e viagens pelo Sinai se encaixam bem com os conhecimentos atuais sobre o Sinai. Segundo Kitchen (2006, p. 311-312), as narrativas Bíblicas, do Êxodo ao Deuteronômio, refletem diretamente a realidade, e não uma fantasia fantástica. Juncos tolerantes ao sal, água da pedra, hábitos das codornizes, dentre muitos outros fatos, refletem condições locais reais, e necessitam de conhecimento específico da região. São informações que dificilmente seriam obtidas de outra forma. Essas narrativas contrastam totalmente com textos fictícios.

Kitchen (2006, p. 310-1) afirma que não há registros egípcios que mencionam israelitas trabalhando no delta do Nilo, ou em qualquer outro lugar; nem mesmo registros de um Moisés como líder desse grupo, ou seu êxodo. Em

lugar algum do Sinai há vestígios de um povo com o nome de Israel atravessando o deserto, na Idade do Bronze Recente. Devemos registrar as razões para a falta de documentação antiga de qualquer espécie, e entender que não é possível encontrarmos “provas”, como aquelas dos estilos bizantino ou medieval, que tanto estudiosos críticos quanto pessoas simples anseiam por encontrar. Os faraós nunca divulgam suas derrotas, ou a perda de um esquadrão de elite de bigas nas paredes dos templos para que todos possam ver, já que os deuses egípcios somente proporcionaram vitórias aos reis – e derrotas indicam desaprovação. Não é possível procurar registros administrativos que teriam dado aos hebreus “desembarço alfandegário” para que pudessem sair do Egito. De fato, 99% de todos os papiros do Novo Império foram perdidos na lama da região do delta; os poucos que restaram estavam nas areias secas de Saqqara e no Alto Egito, longe dos campos de barro da região de Pi-Ramsés, de onde foram recuperados pouquíssimos documentos em potes quebrados. Não restaram construções em Pi-Ramsés acima do nível do chão, nem templos, nem palácios. Como, então, poderíamos encontrar o barro e as cabanas de junco de escravos, que há muito tempo voltaram a formar um lamaçal? E um grupo de pessoas viajando pelas paisagens do Sinai, na expectativa de chegar a Canaã no período de, no máximo, um ano, não seria sobrecarregado com objetos de cerâmica grosseiros. Outros viajantes, mesmo em períodos anteriores, utilizavam odres para transportar água, e não ânforas grosseiras.

Entretanto, para Malamat (1998, p. 62), a total ausência de evidências egípcias diretas desses eventos não serve como prova de que estes não ocorreram.

Não há provas de que o Êxodo, os eventos no Sinai e a construção do Tabernáculo tenham ocorrido. Porém, para Kitchen (2006, p. 312), esses fatos possuem uma base histórica, e correspondem a realidades conhecidas do segundo milênio a.E.C.

Notas

¹A invasão do reino de Judá feita pelo faraó Shishak, narrada na Bíblia Hebraica em 1 Rs 14 e em 2 Cr 12, época do reinado de Roboão, filho do rei Salomão, foi registrada na parede sul do Grande Templo de Amon, em Carnaque. Na sua campanha, Shishak dedicou 156 cidades de Judá para seu deus, Amon. Entre as cidades saqueadas estão Jerusalém, Gibeon, Megido e Beth Shean.

²A estela de Salmaneser é o único relato detalhado da batalha de Carcar no Orontes (853 a.E.C.), entre o rei assírio Salmaneser III (859-824 a.E.C.) e uma liga de doze reis, entre os quais é mencionado o rei Acabe, de Israel, cuja história se encontra em 2 Rs 22:1. A estela afirma que o rei de Israel enviou 2.000 bigas e 10.000 soldados para a batalha, segundo Aharoni (1998, p. 96).

³A Pedra Moabita de Dibom, na Transjordânia, também conhecida como Estela de Mesa, rei de Moabe (853-852 a.E.C.), descoberta em 1868 por um missionário alemão chamado F.A. Klein (Aharoni, 1998, p. 97), narra a revolta deste rei contra o domínio do reino de Israel, após a morte do rei Acabe. A mesma história se encontra no livro de Reis, em 2 Rs 3:5.

⁴O Obelisco Negro de Nimrod (norte do Iraque, cerca de 830 a.E.C.), descoberto por Henry Layard em 1846, mostra o rei de Israel Jeú, filho de Omri, cuja história se encontra em 2 Rs 9:4-10:36, pagando tributos a Salmaneser III. (Aharoni, 1998, p. 100).

⁵O Selo de Megido, descoberto em 1904 por Gottlieb Schumacher, onde se lê “Sema servo de Jeroboão”, provavelmente pertenceu a um ministro do rei Jeroboão II, cuja história se encontra em 2 Rs 14:23-29. (Aharoni, 1998, p. 103)

⁶A Tábua de Tiglate-Pileser III (745 a.E.C.) e sua lista de prisioneiros, em cujas inscrições está registrado que o rei Menahem, de Samaria (reino de Israel) pagou tributos e se submeteu ao rei assírio (2 Rs 15:19,17:6, 24:30-31; 1 Cr 5:26). (Aharoni, 1998, p. 110-115)

⁷Inscrições e relevo de Sargão II (721-705 a.E.C.), descobertos nas ruínas de Khorsabad, no nordeste do Iraque, pelo arqueólogo francês Paul Emil Botta em 1842. Nas inscrições, Sargão afirma ter conquistado Samaria no seu primeiro ano de reinado, levando 27.290 prisioneiros, conforme está narrado em 2 Rs 17:5-6.

⁸O Prisma Hexagonal de Senaqueribe (701-681 a.E.C.), escrito em acádio, no qual este rei afirma ter subjugado o reino de Judá, tomando cidades, levando escravos e prendendo o rei, Ezequias, em Jerusalém, como numa gaiola. (Na Bíblia Hebraica, 2 Kings 18:13-19:37; Isaiah 36:1-37:38).

⁹Obras de Ezequias: aqueduto de Siloé e manacial de Giom (2 Rs 20:20; 2 Cr 32:2-4, 30). As inscrições de Siloé testemunham a narrativa Bíblica da construção de um novo canal para trazer suprimento de água até Jerusalém, enquanto a cidade estava sendo ameaçada pelos assírios, em torno de 701 a.E.C.. As águas de Giom foram desviadas

para o vale de Gai por um túnel de 533 metros de comprimento. Uma inscrição numa pedra, no final do túnel, descreve o projeto.

¹⁰A estela de Tel Dan, cujos fragmentos foram descobertos entre 1993 e 1994, contém uma inscrição em Aramaico que celebra a vitória de um rei arameu, provavelmente de Damasco, sobre os hebreus. A linguagem, localização e datação (entre o Nono e o Oitavo Séculos a.E.C.) tornam plausível que o autor seja Hazael ou seu filho, Bar Hadad II/III, reis de Damasco e inimigos de Israel. O rei arameu afirma ter matado Jorão, filho de Ahab, rei de Israel, (2 Rs 3:1-9:24), como também Acazias, filho de Jorão, rei da Casa de David (2 Rs 8:25-9:29). Curiosamente, é a primeira vez que o nome “David” surge em um documento arqueológico.

¹¹Diversos selos encontrados, feitos de diferentes tipos de pedras duras e semipreciosas, e suas impressões em asas de jarros e *bullae* de argila, nos fornecem nomes de pessoas, títulos oficiais, e informações sobre o sistema administrativo e a iconografia do período. A maioria desses selos é encontrada em níveis dos séculos VIII e VII, referentes aos reinos de Israel e Judá. Alguns dos nomes encontrados podem ser identificados na Bíblia, como por exemplo: “Berachyahu, filho de Neriyahu, o escriba”, que pode ser identificado com Baruc, escriba de Jeremias durante a época de Joaquim (Jr 36); “Jeremiel, o filho do rei”, presumivelmente o filho de Joaquim, enviado para prender Jeremias (Jr 36:26); Gamarias, filho de Safã”, uma importante autoridade (Jr 36:10-12); “Gedalyahu acima da casa”, identificado com Godolias, filho de Aicam, nomeado governador de Judá depois da destruição de Jerusalém (Jr 39:14). (Mazar, 2003, p. 493-4)

¹²O registro arqueológico da destruição de Judá pelos babilônios é extenso. Jerusalém foi maciçamente destruída e queimada, como demonstrado pelos achados perto da torre no Bairro Judeu e pelas casas queimadas na costa oriental da Cidade de Davi. Fora de Jerusalém, o palácio de Ramat Rachel caiu em ruínas. A destruição de Laquis pelos assírios também está muito bem documentada através das cartas de Laquis encontradas nos destroços queimados do portão da cidade, e do grande relevo mural encontrado no palácio de Senaquerib, em Nínive, escavado por Henry Layard em 1845-1849, que detalha a cidade, o sítio e os resultados da conquista: rendição, execução e deportação. (Mazar, 2003, p. 412-437)

¹³Tradução livre de: “Distribute grain rations to the soldiers and to the Apiru who transport stones to the great pylon of Ramesses.” (WILSON, John A., em PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3rd ed. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1969, p. 258, em MALAMAT, 1998, p. 64)

¹⁴Tradução de Aharoni (1999, p. 42). Texto de Pritchard: “[...] Carried off is Ashkelon; seized upon is Gezer; Yanoam is made as that which does not exist; Israel is laid waste, his seed is not; [...]” (PRITCHARD, J. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton, NJ, 1955, 1968, p. 378 em Sarna, *Exploring Exodus*, 1996, p. 11)

¹⁵GARDINER, Alan H. *The Admonitions of an Egyptian Sage from a Heratic Papyrus in Leiden*. Leipzig, 1909; VELIKOVSKY, Immanuel. *Ages in Chaos: From The Exodus to King Akhnaton*. Vol. 1. New York: Paradigma, 2009, p. 22-37; HENRY, Roger. *The*

Synchronized Chronology: Rethinking Middle East Antiquity. Washington: Algora Publishing, 2003, p. 24-26.

Bibliografia

AHARONI, Yohanan [et al.]. *Atlas Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

_____. *The Land of the Bible. A Historical Geography*. Philadelphia: The Westminster Press, 1979.

BLAU, Avraham. *O Livro dos Reis (I)*. Bíblia Nachalat Avot. São Paulo: Maayanot, 1997.

DEVER, William G. *What Did the Biblical Writers Know & When Did They Know It?* Grand Rapids (Michigan): William B. Eerdmans Publishing Company, 2002.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. New York: The Free Press, 2001.

GARDINER, Alan H.. *The Ancient Military Road between Egypt and Palestine*, in *The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 6, No. 2 (1920), pp. 99-116, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3853611>>, acesso em: 22/07/2009.

GORE, Rick. *Faraós do Sol: Os monarcas rebeldes do Egito*, in *National Geographic Brasil*, Vol. 1, No. 12, Abril 2001, pp. 22-45.

HENDEL, Ronald. *The Exodus in Biblical Memory*, in *Journal of Biblical Literature*, Vol. 120, No. 4 (2001), pp. 601-622, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3268262>>, acesso em 30/03/2009.

HOFFMEIER, James K. *Ancient Israel in Sinai. The Evidence for the Authenticity of the Wilderness Tradition*. New York: Oxford University Press, 2005.

_____. *Israel in Egypt. The Evidence for the Authenticity of the Exodus Tradition*. New York: Oxford University Press, 1996.

KITCHEN, Kenneth A. *On the reliability of the Old Testament*. Grand Rapids (Michigan): William B. Eerdmans Publishing Company, 2006.

_____. *Some New Light on the Asiatic Wars of Ramesses II*, in *The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 50 (1964), pp. 47-70, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3855742>>, acesso em: 30/08/2009.

KRAHMALKOV, Charles R.. *Exodus Itinerary Confirmed by Egyptian Evidence*, in *Biblical Archaeology Review*, Vol. 20, No. 05 (1994), pp. 55-62, disponível em: <<http://members.bib-arch.org/collections.asp?PubID=BSBA&Volume=20&Issue=5&ArticleID=4&>>, acesso em 23/06/2009.

MALAMAT, Abraham. *Let My People Go and Go and Go and Go*, in *Biblical Archaeology Review*, Vol. 24, No. 01 (1998), pp. 62-66, disponível em: <http://cojs.org/cojswiki/Let_My_People_Go_and_Go_and_Go_and_Go,_Abraham_Malamat,_BAR_24:01,_Jan/Feb_1998.>, acesso em: 24/06/2009.

MAZAR, Amihai. *Arqueologia na Terra da Bíblia: 10.000-586 a.E.C.* São Paulo: Paulinas, 2003.

MELAMED, Meir M. *Torá – A Lei de Moisés*. São Paulo: Sefer, 2001.

PROPP, William H. C. *The Anchor Bible*. Volume 2A - Exodus 19-40. New York: Doubleday, 2000.

SARNA, Nahum M. *Exploring Exodus: The Origins of Biblical Israel*. New York: Schocken Books, 1996.

SCHERMAN, Nossou. *The Stone Edition Tanach*. New York: Mesorah Publications, 1996.